

A corporeidade humana na pós-modernidade: do real ao virtual.

Juliana Hermont de Melo

Faculdade de Medicina da UFMG – Minas Gerais Brasil

julianahermont@uai.com.br

Introdução

A idolatria à corporeidade instaura o fenômeno da aparência sobre a essência. A ética cede à estética. Prisioneiro do mercado, o ser humano forja a imagem imposta pela mídia e submete-se a qualquer preço. Neste intuito, justifica-se aniquilar o humano em si e a diversidade de formas e idéias. Na sociedade do espetáculo, “organização social onde seus membros são obrigados a contemplar e a consumir passivamente as imagens de tudo o que lhes é projetado pelo capital como elemento faltante em sua existência real”¹, a corrosão do corpo e do humano apresenta-se como a mercadoria do momento dentro da cultura somática espetacularizada^{2, 3}. A compreensão destas modificações e suas implicações na corporeidade mostram-se fundamentais para a restauração do humano vulnerabilizado pela pós-modernidade. Aqui reside a novidade deste trabalho: a proposição do resgate da corporeidade por meio dos aportes teóricos construídos pela bioética e pela sociologia em torno da dignidade intrínseca a todo e qualquer ser humano. A escolha destes autores justifica-se devida a contribuição para a correta construção do estado da arte do corpo na pós-modernidade.

A relevância da temática mostra-se na constatação da superatenção dada ao corpo na contemporaneidade. Ao constatar uma cultura marcada pela crescente sensação de infelicidade e desumanização, intuí-se que as pessoas são escravas da sociedade do espetáculo. Já não vivem em busca de ideais duradouros, mas assistem e consomem tudo o que a mídia apresenta como “bom e belo” e apresenta-se como fugaz. Dessa feita, observa-se que a corporeidade encontra-se encapsulada sobre si mesma. Quando o humano elege, por forças externas, neste caso pela mídia, seu próprio corpo como começo e fim último de todas as suas preocupações, ganha o corpo; mas, em contrapartida, perde a si mesmo e ao outro⁴, e, por conseqüência, o sentido de sua vida, a significação de sua finitude.

A visão e o relacionamento do ser humano com a sua corporeidade estão corrompidos, pois, sob as luzes do espetáculo sem fim, o ser humano passa a ter um corpo e não mais a ser corpo. Sob esta nova óptica, o corpo torna-se a mercadoria da vez da sociedade espetacular, hedonista e consumista. E, para alcançar o ideal de beleza pré-estabelecido pela

sociedade, toda a sorte de intervenção sob a corporalidade é permitida em prol da superação da fragilidade e da vulnerabilidade humanas.

Na efetivação dessa empreitada, buscar-se-á traçar o panorama do *status quo* da corporalidade na contemporaneidade e apresentar como libertação do encapsulamento do homem dentro de si mesmo a re-significação da dignidade humana na pós-modernidade. Para tanto, elencam-se dados para caracterizar o que se denomina cultura somática e cultura somática espetacularizada tanto em seus aspectos positivos e negativos. Utilizar-se-á os esforços teóricos de Guy Debord, Jurandir Freire Costa, Zygmunt Bauman e David Le Breton, por possibilitarem a compreensão do fenômeno social supramencionado e indicarem, como resgate da corporeidade perdida, o retorno ao entendimento integral e unitário do ser humano. Visão que se afina bastante com as concepções bioéticas adotadas neste trabalho.

Referências

¹ DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. p. 13-19

² _____. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. p. 25-36.

³ BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo*. A transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. p. 12-13.

⁴ ORTEGA, Francisco. *O corpo como última utopia*, [s.d.]. (Entrevista). Disponível em: http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_entrevistas&Itemid=29&task=entrevista&id=2188. Acesso em: 02 jan. 2007